

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Unio de Moray (6.0.)*

Class.: 44

Data: 14 a 20 de julho de 1980

Pg.: 1

Tribunal
internacional vai julgar

Os crimes contra os índios no Brasil

O Tribunal Bertrand Russel se reuniu pela primeira vez em Londres, para examinar os crimes cometidos contra o povo do Vietnã durante a guerra da Indochina. Na segunda vez, o Tribunal examinou em Roma a

tortura na América Latina e, na última, reuniu-se na Alemanha para julgar a ação do Exército inglês na Irlanda do Norte, na guerra entre católicos e protestantes. Agora, o Tribunal Russel vai examinar os crimes contra os índios na América Latina.

Os crimes praticados contra os índios nas Américas serão julgados pelo 4º Tribunal Bertrand Russel, que se realizará em novembro, na Holanda. O júri deverá ser formado pelos escritores Gabriel García Márquez e Eduardo Galeano, pelos antropólogos Robert Joulin (França), Bonfir Bataglia (México) e Darci Ribeiro (Brasil, ex-ministro da Educação e do Gabinete Civil).

As condições de vida, de trabalho e da cultura indígena, as leis e denúncias de genocídio, serão alguns dos temas a serem examinados pelo 4º Tribunal Russel, que também abordará as perspectivas de sobrevivência dos povos indígenas. De fato, a situação do índio, particularmente no Brasil, merece uma investigação internacional do nível do Tribunal Russel. Não são poucos os que afirmam que, se não se pode falar em genocídio, pelo menos a acusação de etnocídio, que se atira contra os responsáveis pela política indigenista, deve ser levada a sério. Admitindo-se que não se procure exterminar fisicamente os indivíduos da raça indígena, deve-se considerar, porém, que a política oficial, por ação e por omissão, está levando a morte cultural dos povos indígenas no Brasil, à sua descaracterização como povos e à perda de sua identidade étnica. E, por isso, jogando-os à marginalidade social e econômica.

Antropólogos e indigenistas não comprometidos com a

política oficial estão convencidos de que é esse o objetivo da atual direção da Funai, como o foi de algumas das presidências anteriores. Foi essa a clara intenção do ex-ministro do Interior, Mauricio Rangel Reis, que, nos últimos meses do governo do general Ernesto Geisel, tentou, a todo custo, fazer aprovar um decreto de emancipação dos índios que, aparentemente, os livrava da incômoda tutela da Funai, mas cujo objetivo oculto era repartir das terras comunitárias para que os grandes empresários mais facilmente delas se apossassem. Devido à grande pressão nacional e internacional, o projeto foi arquivado.

DEMISSÃO DOS INDIGENISTAS

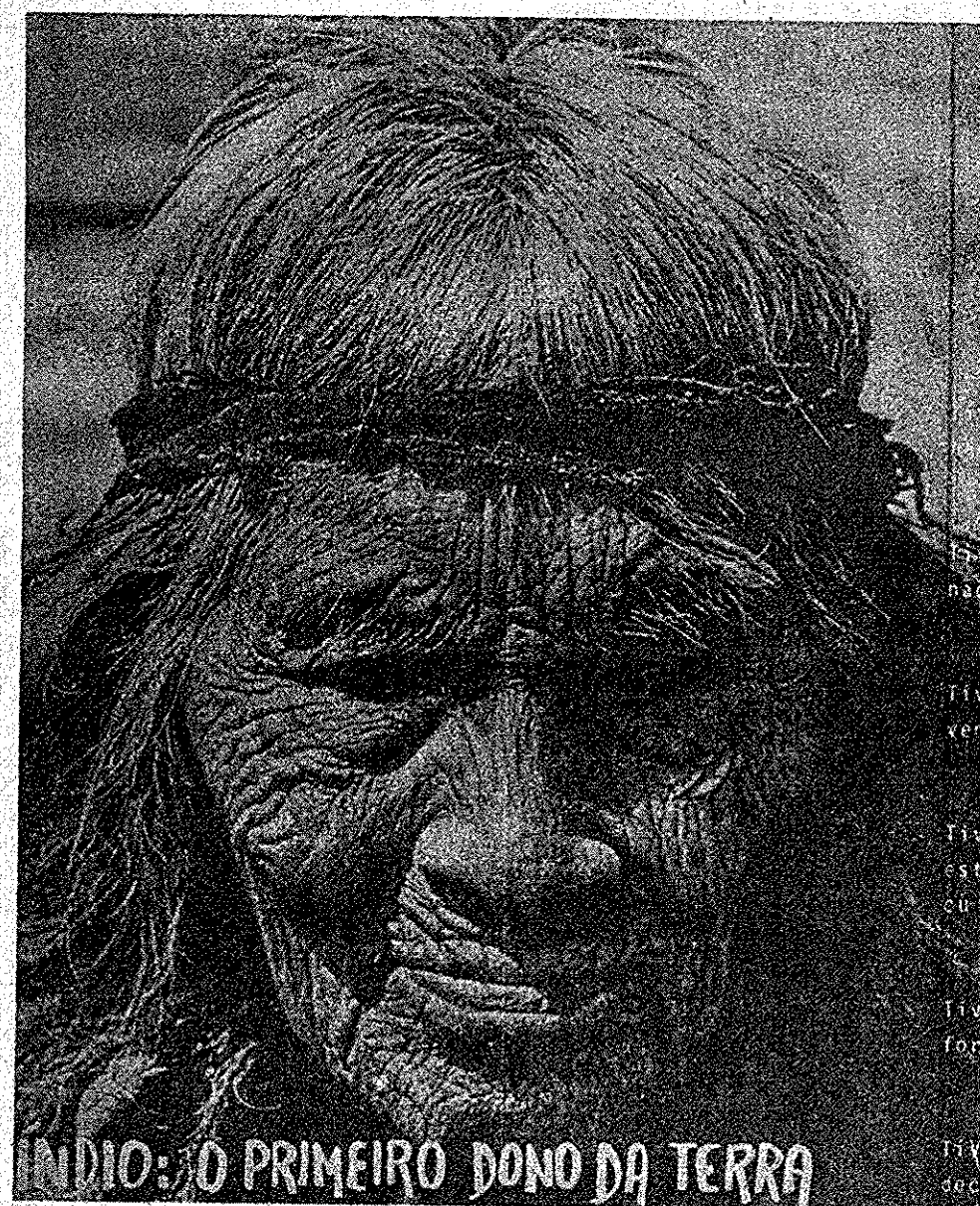
Na atual gestão, do coronel Nobre da Veiga, foram demitidos, em menos de um mês, quase 40 indigenistas, entre antropólogos, sertanistas, médicos e outros funcionários das bases na selva, por denunciarem os desmandos da burocracia da Funai, hoje controlada por 17 coronéis sem nenhuma experiência anterior de trabalho com os índios.

Esses desmandos, apontados pelos indigenistas demitidos, vêm de alguns anos atrás e não foram coibidos — antes, prosseguem na atual administração. Eles se referem, sobretudo, à paralisação das demarcações das terras indígenas, que tem causado

graves conflitos; à abertura de estradas que atravessam as áreas indígenas, como o novo traçado da BR-364 (Cuiabá-Porto Velho), que vai cortar o Vale do Guaporé, onde sobrevivem os remanescentes dos Nambikwara que não foram exterminados pelas fazendas que ali se instalaram com certidões negativas concedidas pela própria Funai; à concessão de alvará de exploração de minérios em áreas indígenas, como ocorre no Território de Roraima, onde os índios lanomami, estão sendo contaminados por doenças trazidas por garimpeiros e funcionários das formas mineradoras; ao assassinato puro e simples de líderes indígenas, como o cacique Kaingang de Mangueirinha (PR) Ângelo Kretã, vereador pelo MDB, e o cacique Ângelo Pankararé, da Bahia — ambos mortos por grileiros e invasores, crimes até hoje não esclarecidos pela Funai e autoridades policiais. A lista iria longe, só dos casos mais recentes.

DIREITOS PISOTEADOS

Ao falar ao papa João Paulo II, em Manaus, no último dia 9, o presidente nacional do Conselho Indigenista Missionário — CIMI —, Dom José Gomes, bispo de Chapecó, Santa Catarina, afirmou que "em nome de um desenvolvimento desumano e cruel, de um capitalismo liberal, materialista, consumista, com visão ex-



ÍNDIO: O PRIMEIRO DONO DA TERRA

clusiva do lucro, são destruídos os povos nativos, sem o mínimo respeito à sua vida e cultura e são tidos como improdutivos e preguiçosos".

Segundo Dom José Gomes, "para conquistar-lhes a terra, são levados à morte e destruição física e sócio-cultural-religiosa, jogados como marginalizados de nossa sociedade. Infelizmente, este quadro começa a ser desenhado e pintado desde a conquista desta terra. Cinco milhões de pessoas foram exterminadas pelo simples fato de defenderem seu espaço vital e seus direitos fundamentais".

O ÍNDIO CRUCIFICADO

O presidente do Cimi lembrou que na "homília da missa em Brasília, Vossa Santidade falava da cruz plantada em terras brasileiras na primeira missa e dizia que esta cruz não pode estar despida do Cristo crucificado. Infelizmente — prossegue Dom José —, o Cristo crucificado nestas duas cruzes não foi dali retirado até hoje. Não o Cristo histórico, mas o Cristo vivo através de cinco séculos de morte dos

povos indígenas. Por isso, fiel aos ensinamentos de Vossa Santidade, denuncia o CIMI: até as últimas consequências a defesa dos direitos fundamentais dos povos indígenas.

O MASSACRE PRESENTE

Para Dom José Gomes, "o massacre não foi apenas no passado", mas "se faz hoje, neste século, nesta década. No começo do século existiam um milhão de índios" — disse, acrescentando: "Hoje são apenas 200 mil. Isto acontece num país que quer ostentar o título de maior país católico do mundo. Estes 200 mil sobreviventes dos povos indígenas são a imagem viva do homem assaltado e espolhado da parábola do Bom Samaritano. Continua-se a roubar suas terras, sua vida, sua religião e cultura e reduzi-lo à marginalização. O CIMI quer ser o Bom Samaritano que acolheu o homem à margem da estrada, mas as forças do mal são tantas, tão fortes e inexoráveis em sua marcha destruidora que muitas vezes nos sentimos pequenos, quase a desfalecer nessa luta".



A política oficial da Funai, por ação e por omissão, está levando à morte cultural os povos indígenas no Brasil, à sua descaracterização como povos e à perda de sua identidade étnica

A revolta de um povo contra o "civilizador"

O antropólogo Carlos Zacquini, da Missão Católica de Catrinari, participou da mesa redonda sobre o problema indígena no território de Roraima, promovida pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) no último dia 9. Na ocasião, Zacquini apresentou um importante depoimento de um chefe da nação makuxi, transcrito abaixo:

"Antigamente, nós tínhamos toda a terra, tínhamos a caça, tínhamos o peixe, tínhamos a fruta do mato; nós tínhamos tudo. Agora, o branco nos tirou a terra e não achamos mais comida. (...) Comemos pouco, comemos mal e temos fome mesmo.

"Não temos mais saúde e somos estragados pela tuberculose.

"Antigamente, nós pegávamos os veados correndo. Agora, tenho vergonha de dizer, não consigo mais alcançar nem um porco. Meu pai, que é velho, corre mais do que eu.

"E nós, agora, ainda vamos indo bem. Mas tem aldeias que são miseráveis mesmo, onde todos passam fome de verdade, e lá o branco, porque os índios não têm mais terras, sempre em cima, para explorar. Tem brancos que não permitem mais pescar, que se reservam o veado, que se reservam tudo.

"Antigamente, o índio matava o veado pegando na corrida, e, com o fogo, queimava o lavrado. Hoje, é proibido queimar o lavrado. E o índio, como faz para procurar a comida? Até o peixe branco pegou tudo. Se tem uma poça d'água, no

rio, onde tem muito peixe, o branco diz: "esta é minha!" E o índio, como pode continuar a viver assim? E quase todos os brancos são assim. (...)

"Olha, quando o branco chegou na nossa terra, índio pensava que branco era do lado de Deus, índio pensava que Deus tinha vindo visitar. De fato, branco tem tudo e índio não tem nada: branco tem arame farpado, nós não temos; branco tem livro, nós não temos; branco tem machado de ferro, nós não temos; branco tem carro, nós não temos; branco tem avião, nós não temos... Mas branco veio e roubou as nossas terras, e o índio não podia mais caçar. Falou que as terras boas eram dele. Depois trouxe a doença. Depois se aproveitou das nossas mulheres! E o índio se revoltou. Então, o branco matou os nossos avós, matou os, massacrou os muito, e o índio fugia tão rápido como a coisa mais rápida.

"Então, o índio entendeu que o Deus dos brancos era ruim.

"Quando o branco chegava, dizia que era bom, que queria morar perto da gente, que não tirava as terras da gente e que enquanto estivesse lá haveria carne para todos. Prometia e não dava, e tirava nossas terras. Dizia que as terras eram dele, que o veado era dele, que o peixe era dele e que era tudo dele. E o índio tinha muita fome.

"Você sabe o que é a fome?

A fome não é brincadeira, sabe? Eu te digo, a fome não é brincadeira.